



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante a solenidade de anúncio de medidas de apoio à candidatura do Rio de Janeiro aos Jogos Olímpicos e Paraolímpicos de 2016

Rio de Janeiro – RJ, 23 de junho de 2008

Meu caro companheiro e amigo Sérgio Cabral, governador do estado do Rio de Janeiro,

Companheiros ministros Orlando Silva, do Esporte; Márcio Fortes, das Cidades; José Gomes Temporão, da Saúde; Miguel Jorge, do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior,

Meu caro companheiro Luiz Fernando de Souza Pezão, vice-governador do estado do Rio de Janeiro,

Senadores Marcelo Crivella e Francisco Dornelles,

Meu caro João Havelange, presidente de honra da Fifa,

Deputados federais Hugo Leal, Luiz Sérgio, Deley e Edmilson Valentim,

Senhoras secretárias e senhores secretários do estado do Rio de Janeiro,

Senhor Ruy Cezar Miranda Filho, subsecretário do gabinete do prefeito do Rio de Janeiro para assuntos de 2016,

Senhores prefeitos municipais aqui presentes,

Meu caro Nuzman, presidente do Comitê Olímpico Brasileiro,

Nossos amigos e nossas amigas atletas olímpicos e paraolímpicos,

Jornalistas aqui presentes,

Amigos e amigas,

Este ato tem mais do que a dimensão de assinarmos um projeto de lei para que o Congresso autorize o dinheiro suficiente para ganharmos o direito de fazer as Olimpíadas de 2016 aqui. Ele tem uma coisa mais forte do que



isso, Nuzman, que é preparar a nossa gente para o embate que vamos fazer.

Nós sabemos que é uma tarefa extremamente difícil. Tem uma parte que é financeira, tem uma parte que é esportiva, mas tem uma parte eminentemente política. Certamente, nós vamos ter que encontrar todos os argumentos possíveis para que a gente possa, no ano que vem, ter a honra de ter o Rio de Janeiro como a primeira cidade da América do Sul a sediar os Jogos Olímpicos.

Vamos começar com alguns dados que eu acho importantes. Nós vamos entrar nessa disputa, não do zero, como se fôssemos um país terceiro-mundista na busca de um espaço junto aos chamados países desenvolvidos. Nós vamos começar com uma performance que, eu penso, poucas vezes algum país começou. Primeiro, o projeto Rio 2016 já apresenta instalações existentes para 72% dos atletas. Cinquenta e seis por cento das instalações, ou seja, 19% do total, foram utilizadas para os Jogos Pan-Americanos Rio 2007. Trinta e dois por cento (11% das instalações totais) serão construídas, e 12% (4% das instalações) serão temporárias. Para a reforma das instalações existentes – Sérgio, preste atenção no número –, construção das novas e montagem das temporárias, nós vamos precisar do equivalente a 508 milhões de dólares, hoje, menos de 1 bilhão de reais. Estão estimados investimentos de 2 bilhões e 600 milhões de dólares em corredores de transporte público de alta capacidade, novas vias, reforma e ampliação do sistema de metrô e trens urbanos, e a conclusão do Arco Rodoviário da região metropolitana.

Várias áreas, como a zona portuária, o entorno do Maracanã e a Quinta da Boa Vista serão revitalizadas com os Jogos Olímpicos aqui. O financiamento da candidatura do Brasil está orçado em 42 milhões de dólares: 7 milhões na fase de cidade aspirante, que foi até julho de 2008, e 35 milhões na fase de cidade candidata, até novembro do próximo ano.

Praças esportivas fora do Rio de Janeiro serão as sedes regionais dos torneios de futebol: Brasília, Belo Horizonte, São Paulo, Salvador e outras



tantas que vocês escolherem. Os Jogos aqui no Rio de Janeiro, todo mundo sabe que se darão na Barra da Tijuca, em Copacabana, no Maracanã e em Deodoro. A Barra da Tijuca será a principal zona de centralização dos Jogos, por compreender uma das áreas de maior crescimento da cidade, cercada por montanhas, belezas naturais e praias inesquecíveis, coisa que os atletas não vão ter tempo de freqüentar porque estarão treinando para ganhar uma medalha. Essa região acomodará 20 modalidades, 56%, em 14 instalações, além de importantes instalações não-esportivas.

Copacabana – as pessoas deveriam ir só para ver a praia, não precisava nem disputar nada. Com suas belezas naturais e espaços públicos, a região será o palco para oito modalidades a serem realizadas em cinco instalações, incluindo a própria praia de Copacabana. Será a primeira vez na história do mundo que um cidadão vai dizer: eu disputei uma prova na praia de Copacabana.

Quatro instalações serão localizadas no Maracanã, se beneficiando da reforma do complexo, que se dará, para a Copa do Mundo de 2014, e do fato de estar localizado na região central da cidade. Essa região será palco para cinco modalidades, e receberá também as cerimônias de abertura e de encerramento.

A região de Deodoro é alvo de projeto de desenvolvimento social por reunir grande concentração de população jovem. Foi escolhida como o palco de sete modalidades por ter sediado, com sucesso, várias competições nos Jogos Pan-Americanos de 2007. A região de Deodoro foi escolhida para receber o Parque Radical do Rio de Janeiro e o Centro Nacional de Pentatlo Moderno, utilizando instalações construídas para os Jogos Pan-Americanos.

A cidade do Rio de Janeiro terá 49 mil e 570 quartos disponíveis para os Jogos Olímpicos de 2016, em hotéis, transatlânticos, duas vilas de mídia, acomodação de árbitros e albergues, entre outras coisas. A experiência dos Jogos Pan-Americanos será amplamente utilizada no sistema de segurança a



ser implementado para os Jogos Olímpicos. Graças a Deus, as pessoas reconheceram que nós montamos um esquema de segurança, que pouca gente acreditava que fosse possível ser montado. E a verdade, nua e crua, é que a segurança deu certo porque o povo do Rio de Janeiro é mais ordeiro do que algumas pessoas andam dizendo por aí.

Eu vou deixar de ler o meu discurso agora, Nuzman, para falar umas palavras sobre os objetivos concretos do que estamos fazendo aqui. Eu comecei dizendo que nós vamos entrar num embate político, um embate que tem 115 eleitores. Não são 115 milhões, nem 115 bilhões, são apenas 115 eleitores. Se nós estivéssemos numa situação em que cada país tivesse um voto, aí a aritmética valeria muito para nós. Nós somos muitos mais. Se juntarmos a América do Sul, a América Latina, o Caribe, a África e a Ásia, nós somos, infinitamente, um número bem maior do que a União Européia, do que os Estados Unidos ou do que o Japão.

Acontece que, como na política, no esporte também a matemática não é uma ciência totalmente exata, quando se trata de representação para a escolha de uma Olimpíada. Vocês imaginem que um país como a Suíça tem quatro delegados, e imaginem que toda a América do Sul tem quatro. Imaginem que um país como a Itália tem cinco delegados, e nós, aqui neste continente imenso, temos apenas quatro.

Então, o trabalho de convencimento é um trabalho muito mais duro, muito mais complicado. Acabou-se aquele tempo de a gente dizer: “nós somos pobrezinhos, nós temos favelas, temos crianças de rua, temos não sei das quantas”, que mobilizava. Isso mobiliza ONG, não mobiliza decisão de Estado. É preciso que a gente se apresente com as qualidades que temos, e são muitas as qualidades, embora nem sempre nós, brasileiros, costumemos reconhecer os nossos valores. Muitas vezes nós gostamos de nos depreciar.

Eu me lembro de que quando nós aprovamos a Copa do Mundo e ficamos todos eufóricos, ouvir algumas pessoas dizerem: “ah, mas não tem



metrô, não tem não sei das quantas, não tem segurança”. Há algumas pessoas, neste País, que torcem para que a desgraça sempre vença as coisas boas que nós sabemos fazer. Há algumas pessoas que parece que não acreditam no País, não acreditam em si próprias, e estão sempre tentando vender a idéia de que nós não podemos fazer as coisas porque não sabemos. Nós provamos, com os Jogos Pan-Americanos, e eu ouvi o presidente da Confederação dos Jogos Pan-Americanos dizer que nunca tinha participado de Jogos Pan-Americanos com a qualidade que o Brasil fez e que o Rio de Janeiro fez.

Então, eu penso, Nuzman, que nós precisamos utilizar não apenas a competência e o conhecimento de uma figura jovem como o companheiro João Havelange. Ele diz que quer estar aqui em 2016, e eu acho que é mais fácil ele estar do que eu e o Sérgio Cabral. Ele se levantou às seis horas da manhã para nadar 1.200 metros!

Depois, Nuzman, nós vamos precisar que você dedique, daqui para a frente, quase que tempo exclusivo para conversar com quem de direito, para utilizar as pessoas que, no Brasil, podem contribuir. É necessário conversar com chefes de Estado. Eu disse ao companheiro Sérgio Cabral e ao Nuzman que, daqui para a frente, a cada viagem que eu fizer, eles serão convidados como chefes da delegação, como companheiros da delegação, para a gente, em cada lugar, conversar com quem de direito, com os primeiros-ministros, com os presidentes, com os delegados. Não adianta ficar fazendo muito barulho, é preciso conversar com a pessoa certa, conversar com quem, na hora H, vai ter um voto.

Eu acho que é importante a gente refletir sobre o aspecto político dessa disputa. Quantas Olimpíadas já teve a Europa? Um monte de Olimpíadas. Vários países já tiveram mais de uma. Por exemplo, a Espanha está competindo conosco e já teve em Barcelona; Londres está competindo conosco e já teve Olimpíadas na Inglaterra; os Estados Unidos estão



disputando conosco e já teve seis Olimpíadas lá; Tóquio já teve Olimpíadas.

Não está escrito no regulamento que os Jogos Olímpicos são para serem jogados nos países ricos. Está escrito lá que os Jogos Olímpicos são a maior demonstração de avanço da civilização humana, em que há uma combinação de disputa, de desfile, de negros, de brancos, de pessoas portadoras de deficiência física, de pessoas que não têm nenhuma deficiência física, de atletas pobres, de atletas ricos. O que simboliza mais a solidariedade na Humanidade são os Jogos Olímpicos. Se isso é verdade, qual é a explicação para que nós nunca tenhamos tido, aqui na América do Sul, uma disputa dessa magnitude?

Primeiro, não é um paizinho qualquer. Em qualquer quesito que a gente quiser, o Brasil está entre os 10 maiores países do mundo.

Ora, se isso é verdade, se este País conseguiu, em 1950... Eu dizia, no avião, para o Sérgio Cabral: eu viajo muito o mundo – se em 1950 a gente construiu o Maracanã, meu caro João Havelange – e eu não conheço uma praça esportiva, campo de futebol mais bonito que o Maracanã, até hoje, em lugar nenhum do mundo. Eu diria que os outros podem ter shopping, podem ter restaurante, podem ter teatro... Meu Deus do céu! Os outros, na verdade, são campos de futebol em shopping center. O nosso, aqui, é uma praça de espetáculo, porque o Maracanã, seja dentro dele ou de cima, não tem nada igual no mundo.

Se este País conseguiu construir os Jogos Pan-Americanos que construiu, em tão pouco tempo, por que nós não podemos fazer as Olimpíadas melhor do que já foram feitas em qualquer outro país? Até porque realizar os Jogos Olímpicos é uma oportunidade que se está dando a um país, não apenas para ele provar que tem competência... e ninguém pode falhar porque tem regras, tem contratos, tem compromissos assinados, portanto nós temos que cumprir. Não adianta dizer: “Ah, mas o Brasil...”

No Brasil, também, de vez em quando a gente pega algumas coisas



escritas, que dizem o seguinte: “Ah, os europeus são perfeitos. Na Alemanha estava tudo pronto três meses antes, tudo maravilhoso”. Eu duvido que tenha algum país que assuma o compromisso de fazer um jogo desses e consiga ter tudo pronto sem ter nenhuma falha. É que as nossas falhas são mais visíveis.

Na Copa do Mundo, eu estava vendo, as coisas equivocadas que o árbitro não apitava não repetiam. Aqui no Brasil a gente escancara, porque nós somos mais democráticos. Nós somos de uma região tropical, somos mais “calientes” que o restante do mundo. Portanto, nós não temos vergonha de mostrar também as nossas falhas.

Mas, em se tratando de esporte, o Brasil não deve nada a ninguém. E nós começamos, Nuzman, como eu disse eu 2003, quando tomei posse: a gente começa, primeiro, fazendo o necessário, inscrevendo o Rio de Janeiro; depois a gente faz o possível, passa entre as quatro. E, agora é a hora do impossível. A hora é agora, nós temos que colocar o nosso orgulho de brasileiro, encher a nossa alma e a nossa consciência de orgulho, parar de falar mal de nós mesmos, recuperar a nossa auto-estima e ir para cima dos nossos concorrentes. Se em vez de ficar olhando os nossos defeitos, olharmos um pouco os defeitos dos outros e as nossas virtudes, nós vamos perceber que ninguém tem mais chance do que nós.

Eu já vi artigos dizendo o seguinte: “Ah, mas o Brasil foi o 4º colocado, foi o último, não vai dar certo”. Vejam: o que aconteceu, aconteceu. Isso é igual a eleição em dois turnos: nem sempre o que sai ganhando no primeiro turno ganha as eleições. Londres ficou em 3º e ganhou 2012. Então, isso é uma bobagem. O que nós precisamos – e é isso que eu queria dizer para vocês – é fazer disso quase uma profissão de fé, assumir isso enquanto compromisso nacional, enquanto compromisso estadual, enquanto compromisso municipal.

Por isso, Sérgio, nós vamos ter que sentar e fazer um protocolo de intenções: o que cabe ao governo federal, o que cabe ao governo estadual, o que cabe ao governo municipal, para a gente fazer uma coisa sólida. Eu me



lembro dos Jogos Pan-Americanos, eu passei seis meses tentando fazer esse protocolo e não foi possível. E eu tinha consciência que se uma tarefa (inaudível)... Estou muito à vontade, porque não serei mais presidente da República, meu mandato termina em 2010. Mas, se não tiver um compromisso, Sérgio, fica um tentando empurrar para o outro. E vocês sabem que cachorro com muito dono morre de fome porque todo mundo pensa que o outro deu comida e o coitadinho está lá, sem comer.

Então, é preciso que tenha tarefas bem determinadas: qual o papel que cabe ao governo do estado, qual o papel que cabe ao governo federal, qual o papel que cabe ao prefeito municipal, qual o papel que cabe a cada um de nós para que em todas as reuniões saibamos o que cobrar uns dos outros. Aí, ninguém vai poder fazer intrigas.

Eu queria terminar dizendo a vocês o seguinte: podem crer... Não sei se vocês são religiosos, mas eu tenho plena convicção de que o Brasil pode conquistar o direito de trazer para o Rio de Janeiro as Olimpíadas de 2016. Estou convencido disso. Quero me colocar à disposição, o que eu puder fazer, o que os ministros puderem fazer – porque todos os ministros viajam –, o ministro da Indústria e Comércio, o ministro das Relações Exteriores... Nós temos que construir uma parceria para que a gente possa sair vitorioso dessa parada.

Eu estou convencido de que as chances são maiores. Há um certo apelo. O Brasil hoje – todo mundo sabe, quem viaja sabe – é muito mais respeitado do que era algum tempo atrás, e as pessoas gostam do Brasil não porque a gente abaixe a cabeça. As pessoas passaram a gostar do Brasil porque passamos a gostar de nós, porque passamos a nos respeitar, porque passamos a exigir que os outros cumpram as coisas que têm que cumprir conosco. Eu não acredito que nenhum, meu caro Oscar... Não existe interlocutor na vida que respeite um interlocutor que não se respeita. A condição básica para ter sucesso em alguma coisa é você se respeitar, é entrar



numa mesa de negociação de cabeça erguida. Não com arrogância, mas com vontade de sair vencedor daquela mesa.

Eu acho que as condições estão dadas, meu caro. Nós vamos ter metrô, vamos ter ruas, vamos ter transportes, vamos ter o trem-bala São Paulo-Rio de Janeiro, os aeroportos estarão funcionando a mil. Isso já está previsto, independentemente das Olimpíadas, já está previsto, inclusive, para a Copa do Mundo de 2014. Eu me lembro que quando nós ganhamos a Copa, ouvi alguém dizer o seguinte: “nós não vamos conseguir fazer campo”. Se este País, em 1950, quando era um país que tinha a sua economia à base do café, conseguiu fazer uma Copa do Mundo e conseguiu fazer o Maracanã, imaginem em 2014, com o crescimento econômico e com a riqueza que o Brasil tem hoje.

Portanto, eu sou daqueles que gostaria de dizer a vocês o seguinte: eu sou brasileiro e não desisto nunca, e acho que nós vamos vencer essa parada.

Um abraço e boa sorte, companheiros.

(\$211A)